

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



ESCUTAR AS ALUCINAÇÕES ¹

Mauro Mendes Dias -mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: Escutar introduz uma ligação entre o sujeito e o Outro, marcada pela pulsão que não ocorre pelos órgãos dos sentidos porque a inclusão do sujeito do inconsciente, dividido pelo significante, condiciona a possibilidade de fazer constar a causa do desejo, no lugar do corpo biológico. O Outro chama o sujeito a ocupar o lugar de seu desejo, pela voz, que então chama o sujeito a ocupar o lugar de objeto. As alucinações reintroduzem a necessidade de abordá-las pela linguagem, ou seja, pela relação desde a qual se articula a posição do sujeito. Escutar as alucinações é condição de tentar desdobrar, pela transferência, os efeitos da estrutura ternária da linguagem presentes nelas.

Palavras-chave: alucinações; desejo; ouvir; psicanálise; voz.

São Paulo
2023

¹ Texto escrito em Campinas, em 18 de junho de 2012

LISTENING TO HALLUCINATIONS

Abstract: Listening introduces a connection between the subject and the Other, marked by the drive that does not occur through the sense organs because the inclusion of the subject of the unconscious, divided by the signifier, conditions the possibility of highlighting the cause of the desire, in the place of the biological body. The Other calls the subject to occupy the place of his desire, through the voice, which then calls the subject to occupy the place of the object. Hallucinations reintroduce the need to approach them through language, that is, through the relationship from which the subject's position is articulated. Listening to hallucinations is a condition for trying to unfold, through transference, the effects of the ternary structure of language present in them.

Keywords: desire; hallucinations; listening; psychoanalysis; voice.

ESCUTAR AS ALUCINAÇÕES

Escutar e ouvir, na Psicanálise, se distinguem. Sem deixar de lembrar que, em nossa língua, escutar e ouvir se distinguem, também. Do latim *auscultare*, escutar é sinônimo de “tornar-se ou estar atento para ouvir”; “dar ouvidos a”. Enquanto ouvir vem do latim *audire* e é sinônimo de perceber, entender (os sons) pelo sentido da audição” (FERREIRA, 1986).

Desde “a língua” que nos habita, escutar introduz, de saída, uma ligação entre o sujeito e o Outro, marcada pela pulsão. Ela não se confunde com “entender os sons, pelo sentido da audição”. E se não se trata de privilegiar uma ligação entre o sujeito e o Outro que se estrutura e se faz escutar, pelos órgãos dos sentidos, é mesmo porque a inclusão do sujeito do inconsciente, dividido pelo significante, condiciona a possibilidade de fazer constar a causa do desejo, no lugar do corpo biológico. Transformação que se acompanha pelo advento do corpo gozo. Capaz de ser abordado como tal, na medida em que se o reconheça.

O “dar ouvidos a”, que se recolhe na acepção de escutar, implica a presença de um sujeito que se volta ao que o Outro diz a ele. Sendo assim, em escutar recolhemos o circuito da pulsão invocante como laço fundador entre o sujeito e o Outro. O Outro se faz chamado, na medida em que o sujeito se volta a ele. A voz que vem do Outro, que vai se dirigir ao sujeito para ser escutada por ele, vem marcada pela expectativa do Outro, seus desejos inconscientes. O Outro chama, primeiramente, o sujeito a ocupar o lugar de seu desejo, pela voz. Pela voz do Outro o sujeito é chamado a ocupar o lugar de objeto. Isso porque a voz funda a identificação como traço que marca um sujeito. Uma vez que essa voz que vem do Outro esteja marcada pela possibilidade de dar voz ao sujeito, escutando-o, o sujeito faz cair a voz, pela fala que advém nele.

A fala, reconhecida como fala de sujeito, se estrutura pela tradução que o sujeito procura fazer do desejo do Outro. E é porque ele fracassa, uma vez que ele mesmo é habitado por desejo, sem saber, que sua fala advém pelos cortes e fracassos do discurso, assim como pela língua de seus sintomas. A voz do Outro cai, na medida em que a voz do sujeito advém como fala que se faz escutar e ser reconhecida. O Outro funda, pela voz que consente em cair, o lugar para a fala do sujeito ser reconhecida como uma fala que vem habitada por desejo. É a partir daí que o “entender os sons pelo sentido da audição” encontra lugar, significação e sentido.

Uma alteração de vetor se faz reconhecer. Pois, se não se trata de conceber a estruturação do sujeito, que não seja por via do desejo do Outro, na Psicanálise, isso

significa que o escutar vem antes do ouvir. Ao menos é o que se pode reconhecer nos problemas de audição das crianças que padecem da ausência do Outro.

Escutar as alucinações? Sim, reconhecendo-as como capazes de suscitar o desejo de lidar com elas, desde uma experiência, ao mesmo tempo em que se as elaboram.

Escutar as alucinações implica reconhecer que as vozes das alucinações psicóticas são experimentadas pelo psicanalista, na escuta. Para o sujeito que conta delas, ele as ouve falar nele, dele e para ele. Nesse sentido, retornar às alucinações, escutando-as, decide pela possibilidade de reconhecer que, de fato, o que o sujeito psicótico nos conta, pelas alucinações, é que a voz do Outro que o fundou se impõe a ele, invadindo-o. Não há espaço para sua fala, nesses momentos, que não seja para dizer o que o Outro diz a ele, de forma articulada em frases soltas, vozes de comando, palavras sem sentido, assim como palavras soltas e ecos de seus pensamentos.

O que se escuta pelas alucinações é, não somente, um Outro absoluto, mas seu peso, pela voz. A voz do Outro pesa sobre o sujeito, sufocando-o. O mutismo de que muitos psicóticos padecem tem estreita relação com a presença, neles, do peso da voz do Outro. Ao mesmo tempo em que o rádio a toda altura que outros colam ao ouvido é uma tentativa de fazer barreira a essa voz que lhes grita. Se a voz do Outro pesa, é mesmo porque ela praticamente se dirige ao sujeito, falando dele, como um ser de cuidados biológicos. Ela não o libidiniza, não o reconhece como ser de desejo. Portanto, ela o silencia pela presença absoluta de sua voz. O absoluto da voz do Outro se apresenta por seu caráter cortante, metálico ou mesmo de chumbo.

Em cada uma de suas atualizações, a voz do Outro ensurdece o sujeito. Ensurdendo-o, ele não tem como falar. A voz do Outro é absoluta porque ela encobre a possibilidade da fala do sujeito. Desde sempre, o canto das sereias encarnou esse caráter absoluto da voz do Outro, capaz de desviá-lo dos rumos e levá-lo à loucura. As sereias não são apenas seres que encarnam a dimensão trágica da voz enquanto possibilidade de tomada do sujeito por inteiro. Antes ainda, elas são seres híbridos. O notável é que elas conservam o semblante feminino, aliado a um ser do mar, ou seja, a diferença radical! Aquela que, quando faz agir seu poder, leva os homens à loucura.

A loucura é introduzida, pelas sereias, como expressão da força da voz do Outro sobre o sujeito. Assim, as vozes participam da loucura, pelas sereias. Desde as sereias, recolhemos que as vozes introduzem uma posição do sujeito, a partir da qual ele é inteiramente falado, comandado, dirigido aos penhascos do mar.

O surpreendente é que não somente o sujeito seja capaz de colocar cera nos ouvidos

e atravessar o canto das sereias; mais além, resta explicar porque, quando a ausência do Outro é absoluta, o sujeito ouve vozes como forma de inventá-lo. Outras sereias. Vozes únicas.

Um dos pontos significativos das sereias se refere ao fato de elas se exprimirem pelo canto. A diferença com a Medusa é que as sereias são seres de canto, são vozes. Elas passaram à Mitologia pela voz, e não pelo olhar. O que significa que retornar às sereias, pela voz, permite distinguir A voz, uma voz, o canto das sereias eo canto. Há de se notar que o canto das sereias, de fato, são vozes. Vozes ensurdecedoras. Vozes ensurdecedoras, quando passadas ao canto, matam. Vozes ensurdecedoras definem posição para um sujeito. Podem, de fato, assujeitá-lo a uma significação, encobrando, por inteiro, o reconhecimento e a promoção de enunciação. Nesse sentido, as sereias nos habitam. Tanto quanto a cera das palavras, o canto e a música.

Se podemos reconhecer a ligação existente entre o olhar e a voz, é mesmo porque, desde a precedência da voz, o sujeito vai constituir o sentido que confere ao olhar. Fazendo a realidade do que vê ser estruturada pelo sentido de uma busca, busca de satisfação, condição de sua cegueira, pela alucinação. Por isso mesmo, quando olha somente pelos órgãos da visão, tal como no encontro com a Medusa, o efeito é a cegueira. A Medusa faz constar a cegueira, de saída. Ao mesmo tempo que é derrotada quando olhada de Outra forma, ou seja, pelo espelho, o qual, por sua vez, é indicação de presença de sujeito.

Se se trata de escutar as alucinações, é mesmo porque, desde a experiência da Psicanálise, elas reintroduzem a necessidade de abordá-las pela linguagem, ou seja, pela relação desde a qual se articula a posição do sujeito. Sendo assim, sejam elas auditivas, visuais ou sensoriais, não se explicam em si mesmas como fenômeno que se pode codificar. Antes ainda, trata-se de poder situar os motivos pelos quais o sujeito passa por essa experiência. Tais motivos, ou causas, não se resumem a confirmar um tipo clínico, ou classificação, na qual são integrados.

Sendo a operação de entrada na linguagem o que vai definir a modalidade da posição do sujeito ao Outro, significa que escutar as alucinações implica em reconhecê-las como sinônima da presença da voz do Outro. Por isso mesmo elas se distinguem: porque falam a um sujeito que fala do que elas lhe disseram.

Escutar as alucinações é condição de tentar desdobrar, pela transferência, os efeitos da estrutura ternária da linguagem presentes nelas. Nas alucinações, o sujeito fala o que ouviu do Outro para ele. Em seu caso, o que vem do Outro para ele não promove efeitos de significação diferenciada. Contudo, podemos reconhecer que o circuito da fala se estrutura

pelo que o sujeito introduz de sentido das palavras que vêm do Outro. Isso significa que introduzir as alucinações na relação transferencial, como digna de escuta, implica em atualizar a estrutura ternária de uma forma em que ele passa a ter a possibilidade de contar a um Outro, e não somente ser contado pelo Outro. Como efeito disso, a religação da voz do Outro comparece, na medida em que o sujeito escolhe o que contar. No que conta, seleciona, no que seleciona, vale-se de alguns significantes e não de outros. Liga-se isso ao fato de que a presença do psicanalista introduz, como terceiro, entre o sujeito e a voz do Outro, o convite a se contar. Ou seja, a se religar com um Outro que o escuta e reconhece o que diz. Nesse sentido, a escuta das alucinações não participa nem subscreve qualquer iniciativa na direção de dar um sentido às alucinações. O que se visa, pela escuta, tem a ver com a constituição de um laço. Laço esse que permita ao sujeito se contar, pela entrada de sua voz a partir de um Outro que não é mais absoluto. Laço, portanto, que, pela escuta que não é audição, insiste em construir, na sustentação do diálogo, as palavras e as ceras.

REFERÊNCIA

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/escutar/> ; <https://www.dicio.com.br/ouvir/>

Bibliografia consultada

FREUD, S. (1924a). Neurose e psicose. In:_____. **Obras completas. O ego e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**, vol. 16, pp. 158-164). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924b). A perda da realidade na neurose e psicose. In: _____. **O ego e o id. autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. In: _____. **Obras completas**, vol. 16, (P. C. Coelho, Trad., vol. 16, pp. 193-199). São Paulo: Companhia das Letra, 2011.

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In:_____. **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916. Obras completas**, vol.12 (P. C. Coelho, Trad., Vol. 12, pp. 9-37). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1911). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia "O caso Schreber". In:____. **Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. **Obras completas**, vol. 10. Trad: P. C. Coelho, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 9-80.

FRED, S (1895). Rascunho H. Paranoia. In:_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Trad: J. Salomão, vol. 1, pp. 259-265). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1976-77).**O seminário: livro 23: O sinthome**. Recife. Edição bilíngue do Traço Freudiano Veredas Lacanianas: Escola de psicanálise, 2001.

_____. (1974-1975). **Le séminaire: livre XXII: R.S.I.** (Seminário inédito). Transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas: Disponível em: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>

_____. (1972-73). **O Seminário 20: Livro 20: mais, ainda** (2a ed.). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

_____. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses**, 1958.

_____. (1957-58). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. **Escritos**. Trad: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 537-590.

_____. (1955-56). **O Seminário, Livro 3: As psicoses**. Trad. A. Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, pp. 348-362.

_____. (1953-54). **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Trad: V. Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, pp. 50-65).